

investimento credibilidade é o melhor



CARTA MENSAL

Setembro de 2021

Carta Mensal Set21 | Brasil: Uma constante “roda-gigante” com emoções das mais variadas!

Que bom seria se a roda-gigante mencionada fosse sempre lembrada como uma atração típica dos parques de diversões, ao invés de ser utilizado para a analogia que farei. Criada em 1893 para uma feira de invenções em Chicago/EUA, está sempre teve a intenção de criar diversão ao público presente. Mas, tratando de Brasil e já traçando um paralelo figurado com tudo que nos cerca, quase nada tem de lúdico a referida atração. Aqui é um up and down literal, em rotações (e emoções...) variadas! O brasileiro precisa estar com o eletrocardiograma sempre em dia! Pois o “choque de adrenalina” recebido é algo rotineiro, assim como tomar banho ou fazer as refeições diárias. Afinal, cenários vividos nos trazem mais dúvidas do que certezas! Inflação subindo aqui e acolá, dólar em alta, idem a taxa SELIC... e ainda, precatório, IOF, auxílio emergencial, reforma tributária etc. Ufa... E se não bastassem tudo isso, “crise hídrica”. É sobre isso tudo que me refiro, se é que me entendem, já me desculpando pela minha redundância nos assuntos ultimamente retratados por aqui. Um verdadeiro “cirandar” sem fim. Pior que muitas vezes não sabemos em qual lugar estaremos quando a “roda-gigante” parar! Ainda bem que brasileiro é “porreta”, como diria amigos nordestinos! E como disse um dia o importante líder mundial Nelson Mandela¹: “Um vencedor é um sonhador que nunca desiste”. Que assim seja!

E sem mais delongas, vamos adentrar em alguns dos principais fatos ocorridos por aqui e que em boa parte está “linkado” com a introdução inicial feita acima.

O início do mês foi marcado pela divulgação do IPCA acima do esperado trazendo consigo muitas preocupações para o restante de 2021 e certamente para 2022. Pressionado e muito por aumentos de preços em segmentos como alimentação, energia elétrica, combustíveis entre outros, o referido índice subiu 0,87% em agosto, sendo o maior resultado para o mesmo mês desde o ano 2000. Logo, o acumulado de 12 meses “bateu na casa de 9,68%”, quase dois dígitos e bem acima do centro da meta, como todos já sabemos. Neste contexto, fica evidente que as “pressões inflacionárias” ainda persistem e estão bem disseminadas em vários componentes, atingindo diversos setores da economia brasileira. Os dados ainda trouxeram “de carona” expectativas de um PIB menor do que o projetado inicialmente. Tarefa indigesta para qualquer governo de plantão!

Diante deste cenário, nada mais formal do que “abrirmos aspas” literalmente para a fala dos principais responsáveis pela condução da política monetária do país: Srs. Roberto Campos Neto (Presidente do BC) e o Ministro da Economia, Paulo Guedes, respectivamente. Em relação ao primeiro, ele comentou: “O BC levará a SELIC aonde for necessário, mas não alterará o plano a cada número que sair. E a gente tem um instrumento na mão que vai ser usado da forma como ele precisa ser usado.” Aí meus amigos, o resultado no mês já sabemos e será comentado no próximo parágrafo. Em relação ao segundo, a citação foi a seguinte: “A sombra da inflação está sobre nós no momento. Acho que estamos no pior momento. Mas vai começar desacelerar e fechar o ano ao

¹ **Nelson Mandela:** advogado, líder rebelde e presidente da África do Sul de 1994 a 1999, considerado como uma das mais icônicas figuras do país, além de vencedor do Prêmio Nobel da Paz de 1993.



ao redor de 8%, 7,5%, algo como isso”. Espero particularmente que as previsões do ministro estejam em dia e superestimadas!

Na verdade, o que temos hoje são expectativas alicerçadas ainda em um completo desequilíbrio das cadeias de abastecimentos, de diversos setores. O cenário está aí, todo desenhado há algum tempo. Os efeitos da pandemia ultrapassaram a linha de ser unicamente uma grave crise viral sem precedentes. Daí dizer que a inflação para 2022, ano de “clima quente” na política, irá arrefecer e ficar dentro do centro da meta, é algo ainda arriscado e prematuro para qualquer um afirmar. Será que todos os fatores que convergem para esse contínuo cenário inflacionário estão devidamente mapeados? Nenhum componente adicional ainda pode estar oculto ou subestimado? Fica a questão. E creio que até para o “Nobel” de economia é tarefa das mais hercúleas exercitar esse prognóstico.

E se não bastasse tudo isso, como combustível adicional nesta “fogueira inflacionária”, ainda temos a questão da crise hídrica e os desafios que isso por si só traz para o próximo ano. Dados divulgados dão conta de que o país vive a maior seca em quase 100 anos nas áreas de hidrelétricas. E com reservatórios em baixa, nossas orações mais do que nunca precisam ser para ele, “São Pedro”! Fato é que “um plus de bandeira tarifária” virá para abocanhar mais um naco do bolso do consumidor brasileiro. Hoje, infelizmente o que vemos na mesa são “muitos ingredientes indigestos”, com inclinação para uma economia com inflação persistente e por período ainda incerto, e pior, podendo levar essa mesma economia a entrar no “modo de estagnação”, ou “estagflação” como dizem por aí. Componente bombástico para um Brasil que clama por recuperação econômica, e melhora em suas contas públicas.

E aumentando a lista dos “ingredientes indigestos”, seguimos com outros assuntos relevantes no mês. Preparados? Vamos iniciar então com os Precatórios. E começando a discorrer sobre esse tema, cito novamente o Ministro Paulo Guedes em sua missão de “tentar de tudo” para uma solução pacífica, e assim encontrar algum alívio para o orçamento de 2022.

Mas pelo andar da carruagem, “nem gregos nem troianos” se mostraram, a priori, muito sensibilizados com a questão enfrentada pelo Palácio do Planalto. É um pedido quase desesperado para encontrar uma fórmula de contingenciar ao menos parte dos R\$ 89 bilhões incluídos no orçamento da união em 2022. E até agora nada, visto que o orçamento de 2022 fora enviado para apreciação do Congresso Nacional contemplando a totalidade das “obrigações”. Seria o ministro uma “voz sozinha” na multidão a ser ouvida? Apostem suas fichas amigos(as)!

Em relação ao também sempre “indigesto” IOF (Imposto sobre Operações Financeiras) ele agora “encorpou”. O Presidente Jair Messias Bolsonaro, em meados da 1ª quinzena, decidiu aumentar a alíquota sobre as operações de crédito para PJ's e PF's, majorando as mesmas para 0,0059% a.d. e 0,0082% a.d., respectivamente. A medida é válida até 31 de dezembro de 2021 e prevê arrecadar R\$ 2,1 bilhões, com o propósito de bancar a continuidade do Auxílio Brasil, programa social que deve continuar ajudando ao redor de 17 milhões de famílias. A legenda fica por conta de vocês!

Sobre a proposta da Reforma Tributária Ampla², que inclui obviamente o Imposto de Renda, essa seguiu para apreciação do Senado. A ideia do relator do projeto, Dep. Roberto Rocha (PSDB-MA), é promover em breve a votação dos temas no “plenário da casa”, e retorná-los com a mesma brevidade à Câmara. Ver para crer, porque muitos outros senadores por lá consideram que essa pauta “não são prioridades” no momento. Pois é.... Nada me surpreenderá se “barrigarem” para 2022, 2023...

² **Reforma Tributária Ampla:** estabelece um novo imposto, o IVA (Imposto sobre Valor Agregado), além de transformar PIS/Cofins em alíquota única, criando outra para Estados e Municípios, além de propor a unificação do ICMS e o ISS.



E para não dizer que tudo são “espinhos” em nossos caminhos, vamos tentar florir um pouquinho “o jardim” da nossa querida pátria Brasil. Alguns temas são, dependendo da ótica de cada um, pontos positivos diante de tudo que estamos vivenciando. Vejamos alguns deles:

- i) O Brasil criou, segundo dados divulgados pelo Novo CAGED, 372 mil novas vagas formais em agosto último; no acumulado do ano, o saldo é positivo em 2,2 milhões de vagas;
- ii) A pesquisa divulgada sobre a Intenção de Consumo das Famílias, feita pela CNC* alcançou 72,5 pontos, a quarta alta consecutiva, e em que pese ainda estar longe do ideal (>100 pontos), o viés continua positivo;
- iii) FMI-Fundo Monetário Internacional em reportagem divulgada pela Reuters, avaliou que o desempenho econômico do Brasil tem sido melhor do que o esperado, e que prevê expansão do PIB em 5,3% em 2021;
- iv) Possível novo acordo com EUA pode turbinar as exportações brasileiras em US\$ 50 bilhões até 2035, projetando crescimento de 0,41% do PIB brasileiro, conforme estudo divulgado pelo IPEA;

Trazemos também, alguns dados correlacionados ao nosso meio e que julgamos como oportuno mencionar, a saber:

- a) Em agosto, segundo ANBIMA, o mercado de capitais emitiu R\$ 50,6 bilhões em ofertas, sendo que no ano as ofertas já atingiram o montante de R\$ 355 bilhões, 65% superior ao mesmo período de 2020;
- b) Ainda de acordo com dados da ANBIMA, o destaque no mês foi a Renda Fixa, que atingiu o valor captado da ordem de R\$ 34,1 bilhões, com a emissão de debêntures respondendo por cerca de 40% do total das emissões; FIDC's também tiveram bom desempenho, captando R\$ 5,5 bilhões, denotando mais uma vez “ventos favoráveis”, corroborado ainda pelo viés de alta na SELIC que continua em pauta.

Finalizando a parte doméstica, é notório que o Brasil enfrenta sem dúvidas um cenário de desafios proporcionais ao seu tamanho, já que para onde olhamos a percepção de riscos e mais riscos se faz presente, e automaticamente reflete no ânimo do mercado, ainda que oportunidades sempre existam em momento de adversidades. Demos ênfase até aqui a temas que, sem dúvidas, “colocam em xeque mate” qualquer rei e rainha do tabuleiro, inevitavelmente. E trazem consigo naturalmente elevação dos “riscos fiscais”, permeando um horizonte cada vez mais difícil de projetar (e resolver...). De precatórios a Auxílio Brasil, passando por eleições, reformas e tetos de gastos, tudo vira uma “tóxica cortina de fumaça” que não nos permite enxergar um “palmo além dos olhos”. Mas enfim, temos que seguir confiantes e contribuindo sempre para formar um ambiente menos nocivo, onde quer que cada um de nós atuemos, e quaisquer que sejam nossas convicções pessoais. Vamos abandonar e deixar para trás o que não nos leva adiante!

Adentrando ao noticiário pertinentes aos territórios estrangeiros, também temos situações enfrentadas parecidas com as vividas pelo nosso Brasil, guardado às devidas proporções obviamente. Temos um cenário de inflação crescente, corroborado por projeções de desaquecimento de várias economias desenvolvidas, além de expectativas redobradas para o início da redução dos estímulos por Bancos Centrais, principalmente o americano (FED) e o da Zona do Euro (BC-Europeu). Esses são assuntos rotineiros de qualquer analista de plantão. Não para menos! Então, vamos ao que preparamos...

Na “América”, como os americanos a autointitulam, preocupações variadas sobrevoam, como nunca, os radares da NASA. A começar pela inflação que é assunto recorrente há algum tempo. Assim sendo, na reunião realizada

*CNC : Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo.



em 22 de setembro, o FED mais uma vez sinalizou que a redução do programa de estímulos financeiros pode ser iniciada ainda em 2021, em que pese nesta ainda terem decidido de forma unânime pela manutenção das taxas de juros dos EUA próxima a zero, ou seja, entre 0% e 0,25%. Porém, em seu comunicado evidenciou que “se as condições econômicas continuarem melhorando”, devem iniciar retirada parcial dos estímulos monetários de US\$ 120 bilhões mensais. A percepção da maioria dos membros do comitê pouco se alterou, ou seja, continuam “sustentando” que a inflação ainda está contaminada por efeitos transitórios. Mas a alta nos juros em 2022, ainda que discretamente, é factível ocorrer. Sobre o PCE -indicador preferido de inflação por lá – foi elevado para 4,2% em 2021, e 2,2% em 2022. Em relação ao PIB, as projeções foram ajustadas para baixo, de 7% inicialmente, para 5,9% agora até o final do ano.

O relatório que traz dados de emprego nos EUA (Payroll), sempre divulgados na 1ª sexta feira do mês, decepcionou. A abertura de novos empregos foi de 235 mil, o pior desempenho dos últimos 7 meses. Em paralelo, por sua vez, a taxa de desemprego deve, segundo projeções iniciais, situar-se por volta de 4,8% da população. Assim, os pedidos de auxílio-desemprego no final de setembro bateram a casa de 362 mil, acima do projetado de 335 mil inicialmente. Diante desses indicadores, será que o tapering realmente será iniciado em 2021? Ou será que Mr. Jerome Powell mudou de opinião e passou a acreditar que a “fórmula” promoverá os efeitos esperados no mercado de trabalho? Fica a questão a ser desvendada!

É... de fato o “mar não está para peixe” nem na América. Tempos diferentes! Estou falando aqui da “paralisia” que o governo de Mr. Joe Biden corre o risco de sofrer. No final do referido mês, o “number one” da América promulgou a lei que faculta ter mais dois meses para resolver o impasse do “teto de gastos” junto aos opositores no Congresso. Calote na Terra do Tio Sam? Never!!! Aguardemos as cenas deste importante capítulo nos noticiários!

Atravessando o continente europeu, desembarcamos em solo asiático. E para “azedar” mais ainda a maionese, não há como não mencionar as tensões e preocupações que a China trouxe aos mercados, face vir à tona os problemas financeiros enfrentados pela gigante do setor imobiliário, a Evergrande Real Estate Group. Temor sobre possível calote da ordem de US\$ 300 bilhões deixou certamente “muitos banqueiros e investidores” em estado de paralisia e asfixia plena. Não por menos, o “planeta” já passa por atribulações complexas, e um “estouro” traria mais pânico certamente. Diante disso, o governo chinês passou a injetar alguns bilhões de yuans para estancar a sangria, ainda que de forma inicialmente paliativa, digamos. Em paralelo a isso, tivemos dados fracos nas vendas de varejo, indicando que a desaceleração pode estar mais rápida do que imaginado inicialmente. Se não bastasse, a produção industrial chinesa também veio abaixo da expectativa, ou seja, 5,3% em agosto, abaixo dos 6,4% verificado em julho. Se alguns dos movimentos vistos ultimamente no gigante asiático é “pensado ou especulativo”, talvez nem o tempo saberá dizer. Única coisa certa e que cada vez fica evidente, é o “peso deles” para as economias mundiais.

Na vizinha Rússia, onde o “ambiente” é gélido por natureza, surpresas positivas. Dados divulgados em setembro indicam que a economia do “país da vodca” cresceu por volta de 10% no 2º tri/21 contra o mesmo período do ano anterior, o maior desempenho desde os anos 2000. Contudo, lá como cá, o BC local elevou a taxa de juros a 6,75%, mantendo viés de alta. É amigos e amigas, a “inflação” também se faz presente no país do Mrs. Putin.

Pegamos carona, passando pelo Mar Báltico, chegamos na maior economia da Europa, a terra do eisbein e da cerveja, a Alemanha, maior economia da Zona do Euro. O PMI composto, que mede a temperatura da atividade econômica, e que engloba setores industriais e de serviços, caiu de 60 pontos em agosto para 55,3 pontos em setembro, conforme dados divulgados pela IHS Markit. Apesar da queda, se encontra ainda acima dos 50 pontos o que “ainda” indica expansão. Apenas a produção industrial sozinha caiu 4%, face ainda desajustes na cadeia de ofertas de produtos intermediários. Ato contínuo, a temida inflação tem “causados espantos” por lá. Em setembro, o país germânico registrou a maior inflação dos últimos 28 anos. Apenas no referido mês, os preços aos consumidores subiram ao redor de 4% em relação a agosto. E a alta no custo da energia também foi um dos maiores vilões, onde os consumidores locais “pagaram” 14,3% a mais pelo fornecimento. Projeções já indicam que a inflação ao final de 2021 deverá estar próxima de 5%, algo impensável anos atrás.



No Reino Unido, nada de diferente e “ela” por lá também existe. A inflação subiu 3,2% em agosto em relação ao mesmo mês do ano anterior, após uma alta de 2% em julho na mesma comparação, de acordo com dados do Escritório para Estatísticas Nacionais. Foi o maior patamar em nove anos. Além disso, o avanço de 1,2 % em um mês foi o mais intenso verificado desde o início da série de dados, em 1997. E com dados de PMI local avançando em agosto, ainda que timidamente, adicionado de dados de um PIB acima do esperado no 2º tri/21 (+5,5%), a inflação local tende a continuar deixando os “loiros cabelos esvoaçados” de Mr. Boris Johnson ainda mais desarranjados, com todo respeito! E nem vou aqui me estender aqui para falar do episódio da “falta de gasolina” nos postos visto dia desses! Neste episódio, abafemos a “fogueira”! E tampouco quero aferir que a saída do Brexit tenha a ver com isso. O tempo dirá!

E diante deste “emaranhado”, não há como não expandir nossos comentários e trazer à tona também dados sobre a “inflação da Zona do Euro”. Segundo declarações de um dos membros do BCE, a alemã Mrs. Isabel Schabel, a inflação irá arrefecer já em 2022, e que o BC está atento a todos os movimentos e pronto para agir imediatamente caso precintam que o caminho trilhado “por ela” seja outro. Os preços de produtos e serviços continuam sua trajetória de alta, e subiram ao redor de 3% em quase todos os países que compõe a região, quando comparados ao mesmo período do ano passado.

Não à toa, as expectativas de mercado para a inflação na região subiram para o nível mais alto desde meados de 2015. De eleições na Alemanha, passando ainda por desajustes variados e gargalos nas ofertas de insumos e outras matérias primas primárias, as expectativas de inflação continuam no radar e sob holofotes de todos por lá. Em tom mais otimista, declarações proferidas em meados da 1ª quinzena de setembro, Mrs. Christine Lagarde, a sempre “elegante Presidente do BC local”, disse: “A economia da Zona do Euro vem superando previsões”. Deixando claro que isso não quer dizer que a economia está “completamente fora de risco”, reiterando o compromisso do BCE local em “seguir provendo” as condições financeiras necessárias, para no menor intervalo de tempo possível, promova novamente um “crescimento sustentado e inclusivo”. Apenas o tempo para nos confirmar se todas as ações foram efetivas a esse ponto.

Assim, e diante de tudo que fora exposto, reproduzimos aqui a mediana das expectativas de mercado, refletidas no Boletim FOCUS da última semana do mês:

INDICADORES	dez/21
PIB	5,0%
IPCA	8,5%
Selic	8,25%
Câmbio	R\$ 5,20

Finalizando, concluímos a carta deste mês convidando todos a mais uma profunda reflexão. E como podemos notar e perceber, o “mundo é outro” neste período pós pandêmico, se é que podemos assim já considerar. A “marvada inflação” é vista, sentida e notada nos quatro cantos do planeta, qualquer que seja a economia. De fato, não se trata em um fenômeno ou efeito isolado a este ou aquele país, independentemente de este ser mais ou menos desenvolvido. São consequências e ponto final.

As cadeias de suprimentos, mundo afora, continuam sob intensa pressão em vários setores (de semicondutores para carros, passando por preços da energia e alimentos), que continuam “subindo mais rápido” que foguetes do Cabo Canaveral. Ao mesmo tempo em que a recuperação global é incerta, a tarefa das autoridades monetárias fica cada vez mais complexa e torna-se mais desafiadora ainda à medida que o tempo passa. Sabemos que não há “fórmula mágica” para ajustes imediatos de tamanha magnitude que contribua para reduzir e atenuar impactos dos mais variados a tudo e todos.

E no meio destas tormentas que a humanidade tem sentido na pele, a fórmula preferida e que nos encoraja encontrei nestas sábias palavras do grande gênio Albert Einstein: “No meio da confusão, encontre a simplicidade; A partir da discórdia, encontre a harmonia; E no meio da dificuldade, encontre a oportunidade”. Avante Brasil... 2022 praticamente já está aí batendo a nossas portas com desafios aos montes!



O Brave I é um Fundo de Investimento de Multimercado que investe majoritariamente em FIDCs, especificamente em cotas Sêniores e Mezaninos.

O Fundo rendeu 0,74% no mês ou 168% CDI, o que representa CDI + 3,62%a.a.. O Brave I superou o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início, acumulando uma rentabilidade nominal de 9,82% (204% do CDI). No ano o fundo já acumula alta de 5,08% (202% do CDI). O Patrimônio Líquido (PL) aumentou no mês aproximadamente R\$ 7,1 milhões, fechando com R\$ 133,9 milhões.

Buscando incrementar a rentabilidade do Fundo, aplicou-se aproximadamente R\$ 7,3 milhões em 4 ativos diferentes, cuja rentabilidade média ponderada é de CDI + 5,45% a.a.. A carteira fechou o mês com 22 ativos e com uma posição mantida em caixa em 7% e o índice de liquidez (%PL em até 90 dias) em 60,7%.

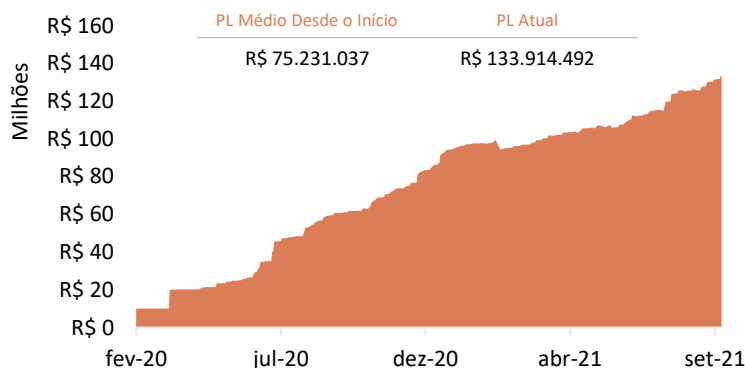
O fundo continua com a estratégia de investir em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS. A carteira está alocada 67% em cotas Sêniores e 26% em cotas Mezaninos, resultando em uma subordinação média ponderada de 43,3% da carteira total, sendo esta uma boa margem de proteção aos ativos investidos.

Por fim, a tendência de alta da taxa Selic (previsão Boletim Focus para o fechamento de 2021 é de 8,25% a.a.) é algo que não oferece muitos riscos ao fundo, pois os ativos por ele investido possuem, em sua maioria, a rentabilidade atrelada ao CDI +. Dessa forma, a tendência é que com a subida da taxa Selic, suba também a rentabilidade nominal do Brave I.

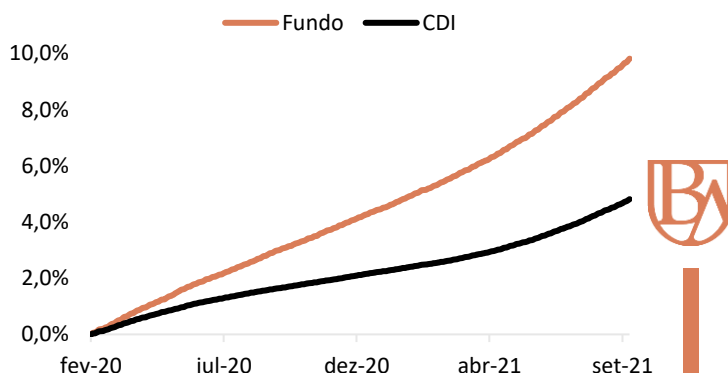
EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início.
2020	Fundo	-	0,25%	0,53%	0,46%	0,45%	0,38%	0,41%	0,40%	0,37%	0,40%	0,37%	0,40%	4,51%	4,51%
	% CDI	-	154%	156%	160%	189%	181%	209%	249%	234%	255%	251%	246%	201%	201%
2021	Fundo	0,40%	0,36%	0,49%	0,46%	0,54%	0,59%	0,66%	0,73%	0,74%				5,08%	9,81%
	% CDI	265%	267%	248%	221%	203%	194%	185%	173%	168%				202%	204%

EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



RENTABILIDADE ACUMULADA x CDI



INDICADORES

PL (R\$)	133.914.492
Volatilidade	0,089%
Ind. Sharpe	56,2304
Índice de Liquidez	60,7%



O Brave II é um Fundo de Investimentos Multimercado de Crédito Privado. Sua estratégia é investir em FIDCs, em cotas Subordinadas Jr., Mezaninos e Sêniores, além de outros ativos de crédito.

O Fundo rendeu 0,85% no mês ou 193,57% do CDI, o que representa CDI + 5,01% a.a.. Quanto ao desempenho desde o início do fundo, este foi de 14,94% (323,40% do CDI), superando o seu benchmark (100% do CDI) em todos os meses desde o seu início. O Patrimônio Líquido (PL) aumentou aproximadamente R\$ 11,1 milhões, fechando o mês com R\$ 74,9 milhões.

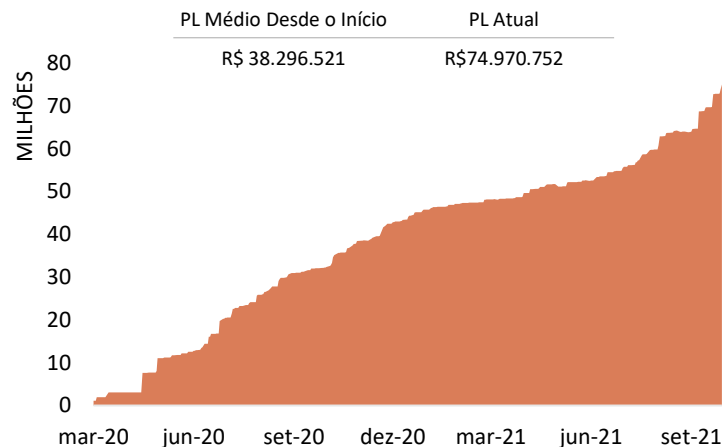
Ressalta-se que a rentabilidade do Fundo foi positivamente influenciada pelo bom desempenho das cotas subordinadas investidas (5 no total) pelo Brave II, dado que estas registraram uma rentabilidade média ponderada de aproximadamente 368% do CDI (CDI +15% a.a.). A carteira ainda é composta por mais 18 ativos. Destaca-se ainda que ao longo do referido mês, na média, a posição mantida em caixa foi de 7,04% do PL e o indicador de liquidez (%PL em 180 dias) se manteve em bons níveis, fechando o mês em 59,7%.

A carteira do fundo está alocada 37% em cotas Sêniores, 31% em cotas Mezaninos, 21% em cotas Subordinadas, 1% em CRA e 8% em Caixa. Sua estratégia é voltada para o investimento em FIDCs de recebíveis do agronegócio, recebíveis corporativos e operações de consignados INSS.

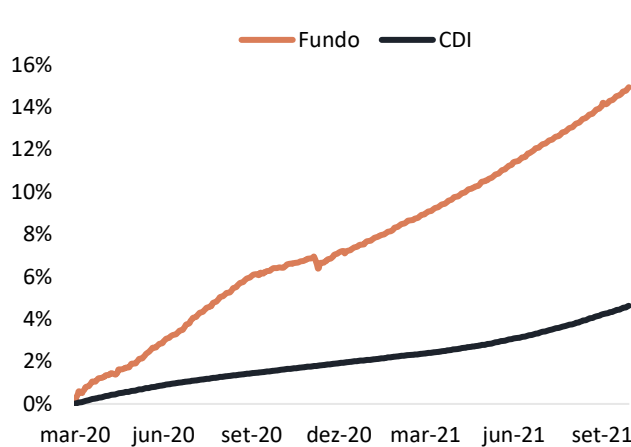
EVOLUÇÃO DA RENTABILIDADE ACUMULADA vs %CDI

		Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Ano	Início.
2020	Fundo	-	-	1,25%	0,63%	0,92%	1,03%	1,11%	0,88%	0,44%	0,39%	0,22%	0,55%	7,67%	7,67%
	% CDI	-	-	371%	221%	390%	484%	569%	549%	282%	249%	149%	334%	371%	371%
2021	Fundo	0,60%	0,56%	0,72%	0,71%	0,72%	0,81%	0,75%	0,85%	0,85%				6,75%	14,94%
	% CDI	400%	414%	365%	341%	270%	264%	210%	201%	194%				269%	323%

EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO LÍQUIDO



RENTABILIDADE ACUMULADA x CDI



INDICADORES

PL (R\$)	74.970.572
Volatilidade	0,54%
Ind. Sharpe	18,95
Índice de Liquidez	59,7%

DISCLAIMER

I - Este material não se configura um relatório de análise, conforme a definição da Instrução nº 598/2018 da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), tampouco uma consultoria de valores mobiliários, conforme a definição da Instrução CVM nº 592/2017.

II - Esta mensagem tem conteúdo meramente informativo, não devendo, portanto, ser interpretada como um texto, recomendação de investimento, relatório de acompanhamento, estudo ou análise sobre valores mobiliários e seus emissores que possam auxiliar ou influenciar investidores no processo de tomada de decisão de investimento.

III - Investimentos ou aplicações em títulos e valores mobiliários envolvem riscos, podendo implicar, conforme o caso, na perda parcial ou integral do capital investido ou ainda na necessidade de aporte suplementar de recursos.

IV - A presente publicação e todos seus elementos literais e gráfico constituem uma obra autoral protegida, estando os direitos sobre a mesma reservados.

V - A Brave Asset não será responsável por perdas diretas, indiretas ou lucros cessantes decorrentes da utilização deste material para quaisquer finalidades.

VI - Quaisquer referências e rentabilidades passadas não significam de qualquer forma a garantia ou previsibilidade de rentabilidades futuras.

VII - O Investimento em fundos não é garantido pelo administrador, pelo gestor, por qualquer mecanismo de seguro ou pelo Fundo Garantidor de Crédito – FGC. Este material não deve ser considerado a única fonte de informação para embasar qualquer decisão de investimento. Dentre outras fontes, ao investidor é recomendada a leitura cuidadosa do Regulamento, do Formulário de Informações Complementares e da Lâmina de Informações Essenciais, se houver, antes de Investir.

VIII - As opiniões expressas neste material podem ser alteradas sem prévio comunicado e não constituem oferta de compra ou de venda de títulos ou valores mobiliários ou de instrumentos financeiros de qualquer espécie. Por conseguinte, a Brave Asset se isenta de toda e qualquer responsabilidade por eventuais prejuízos decorrentes de decisões tomadas por investidores com base no conteúdo deste material. Para mais informações, acesse: www.braveasset.com.br





Brave Gestora de Recursos Ltda.

Itaim Bibi – SP | Rua Bandeira Paulista, 275, CJ 111

www.braveasset.com.br

Fone: +55 11 2330 0130

Contato: ri@braveasset.com.br

